

# LEITURA E ESCRITA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

S M Maria Teresa A. Freitas  
Sérgio Roberto Costa

MUSA  
EDITORA

INEP  
com  
PEA

EDITORA  
ufjf

# Índice

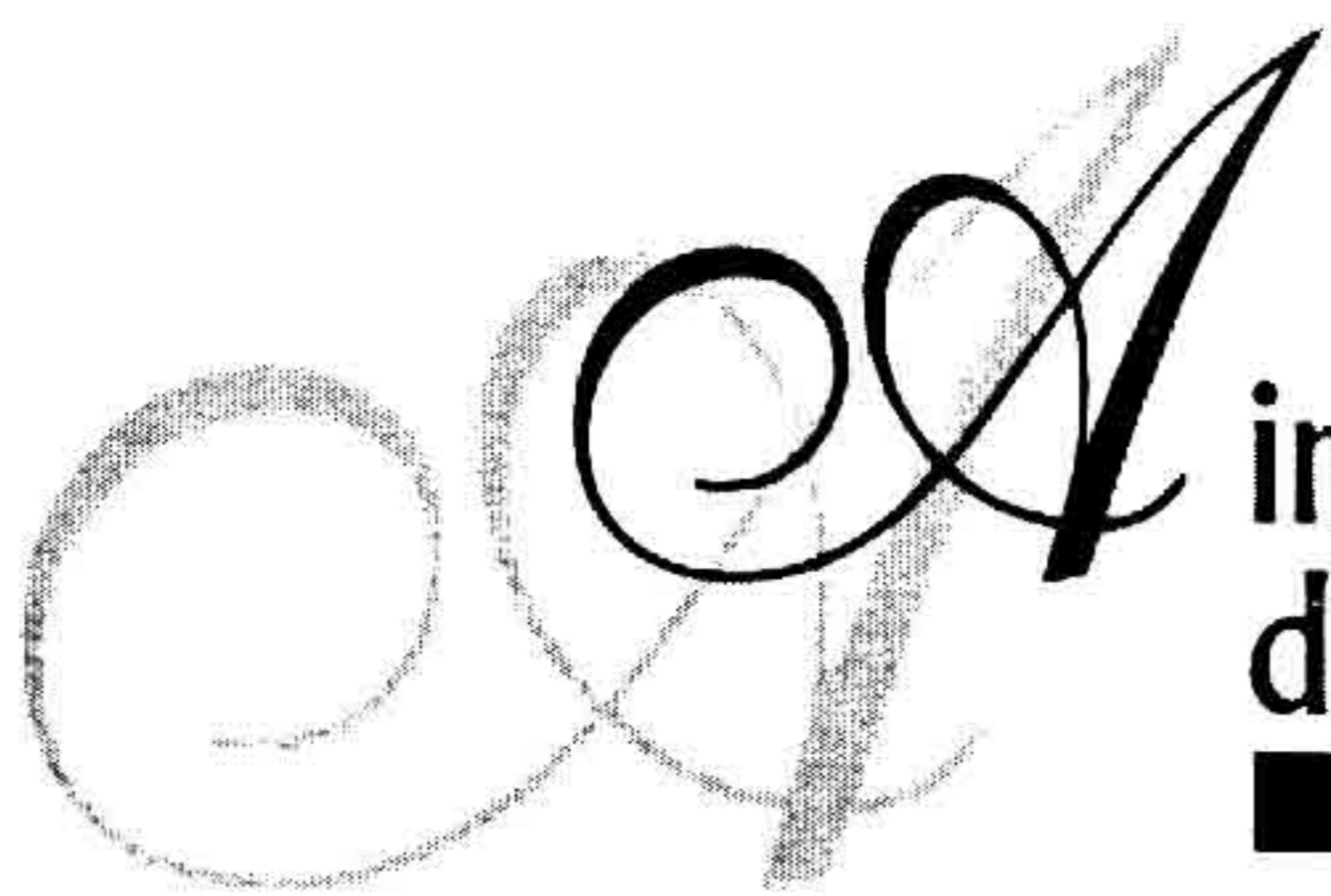
## Primeira Parte

- Leitura e escrita de professores em  
três escolas de formação ..... 9  
*Sônia Kramer*  
e *Maria Luiza Oswald*
- A concepção do leitor e produtor de textos  
nos PCN's: "ler é melhor que estudar" ..... 31  
*Roxane Helena Rodrigues Rojo*
- A concepção de leitor e produtor de  
textos nos PCN's: uma análise crítica ..... 53  
*Sérgio Roberto Costa*
- Lendo e seduzindo, ou o  
enfrentamento literário ..... 65  
*Geysa Silva*
- Literatura na escola: entre as escolhas dos  
alunos e as escolhas para os alunos ..... 71  
*Maria Zélia Versiani Machado*
- A imagem técnica e a leitura do  
mundo: desafios contemporâneos ..... 81  
*Solange Jobim,*  
*Luciana Lobo Miranda*  
e *Maria Florentina Camerini*

---

## Segunda Parte

- Leitores e escritores de um novo tempo ..... 97  
*Maria Teresa de Assunção Freitas*
- Os sentidos produzidos por crianças e adolescentes para suas experiências com leitura e escrita na escola ..... 107  
*Hilda Aparecida Linhares da Silva Micarello e Luciléia Rodrigues de Freitas*
- A mediação do outro na formação do gosto pela leitura ..... 141  
*Táisa Costa Vliese Lemos*
- Bibliotecas e livrarias no discurso de crianças e adolescentes ..... 159  
*Alessandra Sexto Bernardes e Paula Michele Teixeira Vieira*
- Brincadeiras e jogos: mediadores de leitura e escrita ..... 185  
*Jane Maria Braga*
- A mediação da televisão nas práticas de leitura e escrita contemporâneas ..... 211  
*Paola Cordeiro Fernandes*
- Leitura e escrita como prática cultural de adolescentes no Brasil e na Alemanha ..... 229  
*Bernd Fichtner*



## imagem técnica e a leitura do mundo: desafios contemporâneos

Solange Jobom e Souza<sup>1</sup>  
Luciana Lobo Miranda<sup>2</sup>  
Maria Florentina Camerini<sup>3</sup>

Vivemos em um momento histórico cujas assimilação e compreensão da experiência cotidiana dependem cada vez mais das imagens técnicas. Na casa ou na rua estamos expostos a milhares de imagens que fluem sem parar diante de nossos olhos, exercitando uma nova maneira de estar no mundo. A sociedade contemporânea pode ser, portanto, caracterizada como a *sociedade da imagem*, veiculando uma nova maneira de produção e consumo da cultura. A sobrecarga sensorial diária a que o indivíduo está submetido, principalmente nos grandes centros urbanos, nos leva a refletir sobre as conseqüências desta expressiva mutação antropológica comandada pela técnica, e a nos indagar sobre a constituição da subjetividade e as alterações nas formas de produção do conhecimento na contemporaneidade. Viver esta experiência exige, de cada um de nós, uma tomada de consciência dos efeitos deste novo modo de circulação da cultura. Se, por um lado, somos facilmente seduzidos pelas vantagens que o desenvolvimento da técnica nos traz, por outro, não podemos deixar de nos responsabilizar pelas conseqüências, quer positivas ou negativas, que qualquer progresso técnico acarreta à humanidade.

Se definimos a *sociedade da imagem* como a conseqüência inevitável do desenvolvimento da técnica, destacamos a *cultura do consumo* como a matriz fundamental das relações humanas neste novo contexto cultural. Os objetos de consumo assumem o centro da cena na vida cotidiana, ocupando um espaço cada vez maior na vida de cada um de nós e imprimindo a superficialidade, a fragmentação e a fluidez intermitente nas trocas verbais e nos contatos entre as pessoas. Esta constatação não é nova e já vem sendo denunciada desde o início do século passado por Walter Benjamin:

<sup>1</sup> Professora da Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ. Coordenadora da pesquisa "Subjetividade em imagens: dialogismo e alteridade na produção do conhecimento contemporâneo", com apoio do CNPq na modalidade de projeto Integrado.

<sup>2</sup> Psicóloga com atuação na área institucional, atualmente doutoranda no Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

<sup>3</sup> Psicóloga clínica, atualmente doutoranda no Departamento de Psicologia da PUC-Rio.

*“A liberdade do diálogo está-se perdendo. Se antes, entre seres humanos em diálogo, a consideração pelo parceiro era natural, ela é agora substituída pela pergunta sobre o preço de seus sapatos ou de seu guarda-chuva. Fatalmente impõe-se, em toda a conversação em sociedades, o tema das condições de vida, do dinheiro. No caso, trata-se não tanto das preocupações e dos sofrimentos dos indivíduos, nos quais talvez pudessem ajudar um ao outro, quanto da consideração do todo. É como se se estivesse aprisionado em um teatro e se fosse obrigado a seguir a peça que está no palco, queira-se ou não, obrigado a fazer dela sempre de novo, queira-se ou não, objeto do pensamento e da fala” (1987, p. 23)*

Mas como recuperar a liberdade do diálogo? Será que as experiências com as imagens, cada vez mais avassaladoras, trazem um elemento a mais neste processo de ruptura com as palavras e a capacidade de expressão? Se tudo se transforma em imagem e se a imagem é o principal sustentáculo da cultura do consumo, é possível criar outras formas de experiência que não estejam subordinadas à determinação predominante da cultura do consumo em nosso contexto social? Até que ponto o sujeito se deixa submergir nas imagens veiculadas pela mídia, apresentando-se apassivado e submetido a um desejo produzido pela publicidade? Como desenvolver estratégias de intervenção que preservem o modo crítico de pensar e agir no mundo? O que é leitura hoje? Que habilidade intelectual a leitura da imagem requer? Como criar e desenvolver uma leitura das imagens que esteja comprometida com a dimensão crítica da experiência do homem no mundo?

Tendo por base estas questões, entre outras, a pesquisa *“Subjetividade em imagens: dialogismo e alteridade na produção do conhecimento contemporâneo”*<sup>4</sup> pretende analisar a cultura da imagem e os processos de subjetivação, a partir da construção dos instrumentos teóricos que permitam o desenvolvimento de práticas sociais de intervenção e transformação crítica da experiência cotidiana. Para melhor explicitar o trabalho de pesquisa-intervenção que vem sendo realizado no âmbito desta pesquisa vamos apresentar brevemente dois sub-projetos em andamento: *1) Criadores de imagens, produtores de subjetividade: a experiência das TVs comunitárias; 2) Subjetividade e produção de conhecimento: uma modalidade de intervenção clínica com classes populares urbanas através do uso do vídeo*<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> Pesquisa interinstitucional (PUC-Rio e UERJ) coordenada pela professora Solange Jobim e Souza através de projeto integrado com apoio do CNPq e FAPERJ.

<sup>5</sup> Estes dois sub-projetos estão sendo desenvolvidos por Luciana Lobo Miranda e Maria Florentina Camerini, respectivamente, integrando suas pesquisas de doutoramento.

Antes, porém, da apresentação propriamente dita dos trabalhos mencionados gostaríamos apenas de situar, muito brevemente, o que entendemos por “produção de subjetividade”, pois trata-se de conceito fundamental para a compreensão do objetivo da pesquisa e suas possíveis intervenções nas práticas sociais.

## 1. Cultura da imagem, subjetividade e produção de conhecimento

---

Entendemos que a cultura da imagem administra não apenas o espaço social, mas sobretudo o espaço subjetivo, uma vez que tanto o espaço social como o subjetivo são experiências indissociáveis. Portanto, a cultura da imagem é capilar, atua no plano sensível, incide na forma como o sujeito se posiciona no mundo e se relaciona com ele mesmo, interferindo na produção de costumes, valores, gostos, vontades, desejos e modos de pensar. Deste modo, a subjetividade, na perspectiva aqui adotada, não é uma essência psíquica isolada, mas uma instância psíquica produzida por mediações individuais, coletivas e institucionais, sem que haja qualquer hierarquia entre elas. Trata-se, na concepção de Felix Guattari (1992), de uma subjetividade para além do sujeito individual, produzida junto ao *socius*.<sup>6</sup>

Entretanto, cabe sublinhar que, embora produzida junto ao *socius*, tampouco trata-se de uma subjetividade recipiente de coisas exteriores que são interiorizadas, pois o mesmo indivíduo, enquanto agenciador de enunciação, no entrecruzamento de diversas vozes (como por exemplo, família, mídia, escola) também produz subjetividade. Na perspectiva teórica que adotamos não há dicotomia entre um social ativo e um indivíduo passivo, porque não há dicotomia entre indivíduo e sociedade. *O que está em questão é a idéia de produção. O sujeito produz subjetividade, assim como as instâncias coletivas e institucionais (escola, igreja, família, mídia, publicidade...) também o fazem.*

Assim, a nossa análise das relações entre subjetividade e imagem não pretende ser uma “via de mão única” - da imagem que produz subjetividade -, mas também do seu contraponto, da subjetividade que produz imagem. Além disto, observamos também que a subjetividade varia de um polo de assujeitamento à singularização: de um lado, a sujeição em relação às instituições produtoras de subjetividade (famí-

<sup>6</sup> O conceito de subjetividade é tomado aqui através da compreensão proposta por Guattari em “As três ecologias” (1989), *Caosmose* (1992) e Deleuze & Guattari (1972) em *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Ver também Lins (Org.) *Cultura e subjetividade* (1997).

lia, Estado, trabalho, mídia, etc), marcada pela conformidade, pela reprodução do idêntico, pelo achatamento da heterogeneidade e das diferenças, enfim, pela massificação do cotidiano, sinalizando uma produção de subjetividade assujeitada; por outro lado, a criação de processos múltiplos e heterogêneos, que engendram relações livres e criativas, nas quais indivíduos e grupos assumem suas existências de modo singular, criando outros valores, novas formas de pensar e agir, viabilizando produções subjetivas singulares. Tanto o aspecto da massificação, como a heterogeneidade na produção da subjetividade, são aqui tratadas à luz da “cultura da imagem”.

Neste simpósio, em que o tema da leitura e da escrita na formação dos professores se constitui no eixo central de nossas discussões, a contribuição da pesquisa que ora apresentamos pode se caracterizar como a abertura de um campo de questionamentos que retoma o tema da leitura, porém ampliando-o a partir da mediação da imagem técnica como um novo elemento que compõe a produção da subjetividade e do conhecimento na atualidade. Assim sendo, a pesquisa *“Subjetividade em imagens: dialogismo e alteridade na produção do conhecimento contemporâneo”* tem como um dos seus eixos de análise a discussão da imagem sob o ângulo da significação, desvendando os novos modos de leitura-escrita e produção de conhecimento que circulam entre nós a partir da experiência com as imagens técnicas<sup>7</sup>.

Comparativamente, a escrita quando surgiu possibilitou um certo modo de representação da experiência humana, ampliando o conhecimento da realidade; a imagem técnica permite uma nova abordagem na representação da experiência humana, pois é capaz de focar e reproduzir a realidade sob os mais diversos ângulos e com riqueza de detalhes. A visão natural do homem se modificou a tal ponto com a reprodução do mundo na imagem que hoje nos indagamos o que é a realidade. A imagem, para além de reproduzir o mundo de muitas e diferentes maneiras, de fato acaba por criar a própria realidade, pois estabelece novas mediações culturais entre o homem e o mundo físico e social. Esta mudança na mediação homem e mundo cria formas de expressão que precisam ser melhor exploradas e interpretadas. Pasolini (1983), falando do cinema, explicitou com propriedade este desafio que se impõe a nós:

*“O cinema como língua escrita da realidade tem provavelmente (e isto aparecerá melhor nos próximos anos) a mesma importância revolucionária que a invenção da “escrita”. Esta*

<sup>7</sup> Imagem técnica é toda a imagem produzida por aparelhos. Esta definição confere às imagens técnicas uma posição ontológica diferente daquela que é comum às imagens tradicionais, cuja origem está na capacidade de abstração pela imaginação. Ver Vilém Flusser, Ensaio sobre a fotografia: para uma filosofia da técnica. Lisboa, Relógio D'Água, 1998.

*“revelou” ao homem o que é a sua língua oral, antes de tudo. Foi certamente o primeiro salto para frente da nova consciência cultural do homem nascida da invenção do alfabeto: a consciência da língua oral, ou da língua, simplesmente. (...) Definitivamente, a língua escrita revelou e acentuou “a linearidade” da língua (corrigida, quando ela só é falada, pelas entonações e a mímica). O cinema trará as mesmas mudanças revolucionárias em relação à realidade que a língua escrita em relação à língua falada.*

*A linguagem da realidade, enquanto ela foi natural, se encontrava fora da nossa consciência: presentemente que ela nos aparece “escrita”, através do cinema, ela não pode deixar de exigir uma consciência. A linguagem escrita da realidade nos ensinará, antes de tudo, o que é a linguagem da realidade; ela terminará mesmo por modificar a idéia que temos dela, transformando nossas relações físicas com a realidade em relações culturais.” (p.145).*

Embora a denúncia e a perplexidade diante do mau uso das imagens pelos meios de comunicação deva ser estimulada, é necessário reconhecer, como bem explicita Pasolini, o poder extraordinário que as imagens - técnicas, digitais ou eletrônicas - conferem à experiência atual, especialmente no que diz respeito aos modos de circulação da informação e de produção do conhecimento, criando assim novas relações culturais. O conhecimento se expande em infinitas direções, ampliando incomensuravelmente as possibilidades concretas de produção e consumo da informação, redimensionando espaço e tempo, criando um novo sujeito. Exatamente porque somos moldados *na* e *pela* imagem é que conseguimos compreendê-la como signo, sendo, portanto, fundamental desenvolver com o signo-imagem o compromisso com a liberdade criativa do homem. Devemos então articular a imagem técnica à sua dimensão política e compreendê-la como um dos principais vetores de nosso processo de subjetivação. Esta perspectiva está presente na abordagem teórico-metodológica que orienta os trabalhos de pesquisa e intervenção que apresentamos a seguir.



## 2. *Criadores de Imagens, produtores de subjetividade: a experiência das TVs comunitárias*<sup>8</sup>

Este projeto tem por objetivo analisar o processo de produção de imagens realizado no âmbito do Projeto *Repórter de Bairro da TV Maxambomba*, TV comunitária que há 13 anos desenvolve um trabalho educativo com jovens moradores de Nova Iguaçu - “Baixada Fluminense” - periferia do Rio de Janeiro/Brasil. A TV Maxambomba é um projeto de TV Comunitária do CECIP - Centro de Criação de Imagem Popular, ONG que produz materiais audiovisuais educativos. O Projeto *Repórter de Bairro* da TV Maxambomba atualmente é formado pelo Grupo Fuzuê, 3 adolescentes entre 17 e 19 anos, moradores de Nova Iguaçu, e que atuam nesta TV há 6 anos, e pela equipe técnica/profissional da TV Maxambomba<sup>9</sup>. A equipe trabalha na capacitação de jovens entre 12 e 18 anos na produção de vídeos comunitários em cursos com duração que varia entre 3 a 6 meses<sup>10</sup>. Além da parte teórica de linguagem e técnica de vídeo, há discussões sobre o uso da mídia, o poder da imagem, bem como um estágio para os alunos em diferentes TVs (TVE, TV Futura, TVPinel e TVFacha<sup>11</sup>), e a criação de vídeos produzidos pelos alunos, que são exibidos na região, com discussão em “câmera aberta”<sup>12</sup>.

O debate sobre as transformações culturais da sociedade contemporânea, nos conduz à reflexão sobre as modificações desencadeadas nas formas do discurso e nas narrativas a partir do desenvolvimento da técnica. A ênfase nas imagens mais do que nas palavras cria novas relações do homem com o desejo e com o conhecimento. A mídia protagonizada pela televisão representa um dos maiores difusores da “cultura da imagem”. O barateamento dos aparelhos tecnológicos, principalmente a TV, é visto como um dos responsáveis pela democratização da informação. No Brasil, é cada vez maior o número de aparelhos de TV nas chamadas classes populares. Os moradores das periferias e principalmente os jovens encontram-se, então, totalmente familiarizados com a linguagem audiovisual. A televisão representa uma das maiores portas de entrada de acesso aos bens culturais e de entretenimento, gerando muitas vezes a massificação de gostos, desejos, costumes, valores, enfim, de subjetividades. A tela de TV aparece como a nova janela para o mundo. Nesta dimensão alteritária contemporânea, muitas vezes o “outro” é a imagem/discurso da TV, com a qual o sujeito dialoga, concorda ou não, reconhece-se ou não.

<sup>8</sup> Trabalho coordenado por Luciana Lobo Miranda, desenvolvido como parte de seu projeto de Doutorado no Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em andamento.

<sup>9</sup> O Projeto chegou a ter 12 núcleos representativos de diferentes bairros da região, em que cada núcleo produzia vídeos conforme a demanda do local. Os temas eram por exemplo: discriminação racial e lixo no bairro. Com o enxugamento do projeto, devido a uma crise financeira, restou apenas o *Grupo Fuzuê*, que passou por um estágio de 2 anos na TV Maxambomba. Os adolescentes do *Fuzuê* e a equipe técnica começaram então a se aprofundar em projetos de capacitação de jovens em produção de vídeos. O modelo atual do *Repórter de Bairro* segue um conceito amplamente difundido em entidades que vêm trabalhando com ações voltadas para a adolescência, o *Protagonismo Juvenil*.

<sup>10</sup> A última capacitação ocorrida de julho a dezembro de 1999 foi financiada pelo “Programa de Capacitação Solidária”, uma das áreas de atuação do “Comunidade Solidária”.

<sup>11</sup> A TV Facha e a TV Pinel também são comunitárias.

<sup>12</sup> Metodologia freqüentemente utilizada na exibição de rua: após a exibição, os temas relacionados aos vídeos são debatidos pela comunidade e transmitidos ao vivo, no local. Os jovens alunos conduzem o processo, e a comunidade, além de discutir acerca do tema do vídeo exibido, também protagoniza uma experiência com a imagem, à medida em que se vê enquanto fala. Não raramente a auto-imagem torna-se tema de discussão.

Por outro lado, podemos dizer que a TV Comunitária, e mais precisamente o trabalho da TV Maxambomba também é consequência do barateamento de custos da tecnologia da imagem. Porém, o que se coloca em questão para o trabalho do *Repórter de Bairro* não é apenas a utilização de um aparato tecnológico, da linguagem audiovisual para discussão de temas relevantes para a comunidade, mas a própria discussão da linguagem midiática. O sujeito é chamado a se apropriar desta linguagem na reflexão de sua vida e do mundo. O objetivo do projeto transcende a capacitação técnica para a profissionalização, pois visa sobretudo à produção de vídeo como instrumento para trabalhar a auto-imagem, o resgate da identidade, a auto-estima, a capacidade crítica na construção da cidadania destes jovens moradores da periferia.

Para a análise dos processos dialógicos e subjetivos implicados no *Projeto Repórter de Bairro* tomamos como pressupostos teóricos a Filosofia da Linguagem de Mikhail Bakhtin (1929) bem como o conceito de subjetividade de Félix Guattari (1989; 1992). Apoiados nesses autores, assumimos algumas indagações: é possível um trabalho crítico frente à massificação da mídia através da TV comunitária? Como se dá a produção de subjetividade na TV comunitária, visto que os sujeitos que criam e/ou assistem a essa programação são também espectadores das imagens da TV de massa<sup>13</sup>?

De acordo com depoimentos dos adolescentes no âmbito desta pesquisa, pôde-se constatar uma crítica em relação ao tratamento que a mídia comercial dá à Baixada Fluminense. Isto se evidencia quando eles relatam que normalmente a televisão só dá visibilidade à *Baixada Fluminense* quando se trata de violência e miséria. Para estes jovens, não se trata de negar esta realidade, já que a violência também é tema de seus vídeos, mas de abrir possibilidades de outros campos de existência: turismo, cultura, lazer e sexo também fazem parte de seus temas. Por outro lado, o conteúdo da macrotelevisão é constantemente trazido para a TV comunitária. Em nossa discussão procuramos evidenciar que o cotidiano desses jovens encontra-se inevitavelmente atravessado pelas imagens da TV de massa. Este "outro" - imagem/discurso da TV de massa - que muitas vezes estes jovens procuram repelir, mas que ao mesmo tempo os fascina, está presente e é reproduzido em suas vozes/ imagens.

Constatamos também que o que está em jogo no trabalho do *Repórter de Bairro* não é o resultado técnico perfeito ou uma revolução estética acerca da linguagem do vídeo, mas a implicação daqueles sujeitos onde já não são apenas falados, filmados por um

<sup>13</sup> Segundo Berger (apud Machado 1988) a TV de massa compreende a macrotelevisão, comercial e estatal voltadas para as grandes massas: "A 'alma' dessa televisão é a propaganda, seja ela de produtos de consumo (como no caso da tevê comercial de modelo americano), seja ela de valores institucionais (no caso da tevê estatal de modelo europeu e das televisões do bloco socialista)". (apud. Machado 1988, p.37). O autor contrapõe à macrotelevisão a meso e à microtelevisão.

"*outro*", mas assumem o seu discurso e falam do seu mundo através de imagens produzidas por eles próprios.

Como uma das vertentes dos resultados iniciais vale ressaltar, por exemplo, a produção de vídeo marcada pela circularidade de papéis. Ao invés de funções rígidas, adolescentes e equipe técnica se misturam, assumindo as mais diversas funções. Os papéis anteriormente estabelecidos para o *eu* e para o *outro* assumem os mais diversos contornos. O coordenador da equipe vira ator. O aluno/repórter assume a direção. Muitas vezes alunos e equipe técnica se confundem no processo de criação, tornando explícita a dimensão alteritária e dialógica na produção do conhecimento e da subjetividade.

Desta forma, a análise e discussão do processo de trabalho do *Repórter de Bairro* junto a estes jovens moradores da "Baixada Fluminense" representa uma estratégia metodológica para a construção de uma crítica da nossa cultura, pautada, em grande medida, no etnocentrismo dos valores das camadas médias urbanas e na homogeneização e no desaparecimento da diversidade e da riqueza desta cultura. Este trabalho, portanto, enfoca as narrativas audiovisuais produzidas por jovens da periferia como um elemento de análise e crítica de nossas experiências culturais mais amplas. Ao nosso ver, o projeto *Repórter de Bairro* possibilita uma postura ética que enfatiza a necessidade de se fortalecer as condições de acesso e utilização criativa dos bens materiais e culturais, que circulam de modo restrito em nossa sociedade, às populações marginalizadas das periferias dos grandes centros urbanos.

### *3. Subjetividade e produção de conhecimento: uma modalidade de intervenção clínica com classes populares urbanas através do uso do vídeo*<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Trabalho coordenado por Maria Florentina Camerini, desenvolvido como parte de seu projeto de Doutorado no Departamento de Psicologia da PUIC-Rio, em andamento. Cabe esclarecer que a intervenção através do uso do vídeo é uma experiência recente neste sub-projeto, portanto, não há resultados conclusivos nesta fase da pesquisa. Estamos no momento construindo as estratégias metodológicas do trabalho de campo desta investigação.

Este projeto tem sua origem no trabalho da pastoral do recém-nascido que, há 20 anos ininterruptos, acontece na Igreja Católica de São Conrado/ Rio de Janeiro. Um dos objetivos iniciais desta pastoral foi suprir parte da carência alimentar das famílias com crianças recém-nascidas residentes nas favelas da Rocinha e Canoas oferecendo-lhes, semanalmente, leite em pó. Posteriormente, ultrapassando o caráter assistencial desta ação, tal objetivo foi ampliado a partir da aproxi-

mação das atividades da pastoral com o trabalho por nós<sup>15</sup> desenvolvido em consultório particular com pais de classe média e alta. Tratava-se de um curso de psicologia do desenvolvimento através da abordagem psicanalítica. A proposta foi desenvolver, também com as famílias que freqüentavam a pastoral, um curso nos mesmos moldes e proporcionar, através deste trabalho, um espaço de transmissão de informações e de interlocução em torno do tema dos cuidados com a criança pequena. Com isto, pretendeu-se oferecer aos participantes a oportunidade de expor suas experiências e questionamentos enquanto cidadãos e sujeitos que se transformam através da convivência e do diálogo em grupo, explicitando na palavra e nas trocas verbais o cotidiano vivenciado pela comunidade.

Esta proposta foi muito bem aceita pelas famílias que freqüentavam a pastoral e o primeiro passo foi então construir as regras de funcionamento do trabalho com o grupo: horário e dia do encontro, tempo de duração de cada encontro, tempo de permanência de cada participante no grupo, atrasos e faltas, etc. As regras foram definidas e o trabalho teve início. A dinâmica do trabalho prevê uma exposição oral ou apresentação de vídeos relacionados ao tema do desenvolvimento infantil, seguida de conversas ou debate sobre o tema em pauta. Ao reconhecer na comunidade uma demanda expressiva por um espaço de trocas intersubjetivas, procurou-se criar, com as pessoas participantes, a possibilidade de uma maior mobilidade de ação e pensamento, através de sua inserção no diálogo como sujeitos do desejo.

A demanda crescente de pessoas interessadas em participar desta proposta de construção de conhecimento, neste espaço comunitário, e a continuidade deste trabalho por vários anos, desencadearam indagações que encontraram ressonâncias no grupo de pesquisa *“Subjetividade em imagens: dialogismo e alteridade na produção do conhecimento contemporâneo”*. Deste modo, surge o projeto de doutorado, em andamento, que então incorporou como estratégia metodológica o recurso da video-gravação destes encontros para analisar as transformações subjetivas em um espaço social de intervenção clínica e de produção de conhecimento com famílias de recém-nascidos.

Segundo Freud (1923), a constituição psíquica dos sujeitos, com suas particularidades e especificidades, gera a impossibilidade de se elaborar um projeto universal para as massas. Por outro lado, Deleuze e Guattari (1972) há muito apontam que os domínios do saber e da realidade, separados pela ciência moderna, devem ser vistos como interdependentes. Concluimos, assim, que a clínica psicológica não

<sup>15</sup> Maria Florentina Camerini é a psicóloga clínica responsável por este trabalho da pastoral desde seus primórdios.

deve estar separada da arte, da política, da produção do conhecimento, enfim, da experiência cotidiana, sendo necessário a criação de uma ampliação do conceito de clínica que abarque novas formas de atuação promotoras de transformações psico-sociais.

Baremlitt (1997) diz que a clínica pode se constituir em uma prática, encaminhada, cada vez mais, para uma atitude política e ética perante a vida. Para o autor, o estatuto da clínica não se reduz ao domínio de uma teoria, de um método ou de uma técnica específica, muito menos aos regulamentos do exercício de uma profissão. A clínica se processa num espaço "sui generis", portanto sem um lugar instituído. Desde que haja uma intenção de transformação que é compartilhada pelos integrantes do grupo pode-se dar algo da ordem da clínica.

Esses autores, entre outros, nos oferecem os subsídios teóricos para pensarmos alternativas e estratégias da prática clínica no contexto específico de trabalhos comunitários. Neste projeto de intervenção sócio-psicológica, ao confrontarmos conhecimentos instituídos (desenvolvimento da criança através da abordagem teórica da psicanálise) com narrativas da vida cotidiana, produzem-se transformações nos sujeitos participantes. Estabelecer uma posição crítica diante das questões que a vida nos impõe é algo que se constrói nas relações intersubjetivas, através de uma postura dialógica e alteritária (Bakhtin, 1981) de produção do conhecimento. É também na tensão das forças atuantes no diálogo entre pessoas que vão se constituindo e se intercalando as narrativas particulares, ora como voz do grupo, ora como voz do sujeito. Deste modo, produzem-se reflexões e ações que se constituem como alternativas genuínas de desejo, as quais adquirem expressão e desencadeiam ações no cotidiano das práticas sociais. Guattari (1989; 1992) denomina esta experiência de modos de singularização, ou experiências que se concretizam através de "linhas de fuga", conferindo voz ao desejo do sujeito. É neste sentido que entendemos que o trabalho que vem sendo desenvolvido na pastoral pode ser também compreendido como uma modalidade contemporânea de intervenção clínica.

Ao considerarmos os efeitos das imagens técnicas (mídia contemporânea) na construção da subjetividade atual, elegemos a imagem através do vídeo como alternativa metodológica para a compreensão da construção do conhecimento crítico em grupos comunitários específicos. A tomada de consciência da imagem de si próprio é uma experiência que precisa ser melhor explorada. Neste sentido, começa-

mos a analisar a escuta, a interlocução e a reflexão desencadeada pelas imagens gravadas em vídeo dos sujeitos (mães, pais, avós) que participam dos encontros semanais da pastoral do recém-nascido. Temos procurado aliar o vídeo à clínica terapêutica, tanto produzindo imagens no interior dos grupos com os quais trabalhamos, como utilizando vídeos didáticos, que visam complementar os assuntos abordados. As imagens gravadas são em seguida apresentadas ao grupo e o diálogo se renova a partir do encontro que se estabelece entre o grupo e seu duplo na tela da TV. Tais recursos, embora insipientes, dado o nosso amadorismo no manejo da máquina, têm nos mostrado que “ver e ser visto” funciona como um dispositivo desencadeador de revelações, emoções, recordações por parte dos participantes do grupo, aflorando as subjetividades tanto individuais quanto aquelas voltadas para as questões mais gerais. Neste contexto a leitura do mundo mediada pela imagem técnica inclui o próprio sujeito, permitindo a conquista de uma consciência de si na relação com o outro desencadeada pela experiência virtual do corpo na tela. A imagem técnica permite que uma pessoa se veja sob diferentes ângulos e adquira uma consciência mais profunda e diversificada da sua própria imagem e da imagem do outro. A visibilidade simultânea de si e de outro, possibilitada pela video-gravação, amplia a consciência alteritária da presença do sujeito no mundo e re-significa a construção subjetiva de cada um dos participantes do grupo.

Neste estudo estamos analisando a relação que estabelecemos com a imagem técnica e como ela nos constitui no cotidiano, discutindo a sua função social, política e cultural a partir do trabalho que realizamos com este grupo específico de famílias de recém-nascidos. Nosso objetivo nesta pesquisa é enfrentar o desafio de compreender e ampliar os modos de intervenção da imagem técnica na constituição de uma modalidade de clínica social.

#### 4. Considerações finais

Findo este breve relato, destacamos que os dois eixos de pesquisa apresentados, assim como o projeto mais amplo de pesquisa que os sustenta (*Subjetividade em imagens: dialogismo e alteridade na produção do conhecimento contemporâneo*), encontram-se em andamento, caracterizando-se este texto mais como um relato de um processo de

pesquisa-intervenção do que como uma apresentação conclusiva de resultados. Assim sendo, estas produções não têm a pretensão de esgotar o amplo espectro de temáticas que se impõem a cada um dos eixos de investigação aqui apresentados. Entretanto, é nosso objetivo, ao discutir a questão central proposta para cada sub-projeto, formular sempre novos questionamentos e, sobretudo, encaminhar propostas elucidativas de intervenção crítica no cotidiano das práticas sócio-culturais a partir de experiências desencadeadas em nós pela imagem técnica. Este trabalho revela uma preocupação ética e política com o acesso às novas modalidades de leitura do mundo que a imagem técnica nos proporciona, visando encaminhar soluções democráticas no âmbito das intervenções no campo da educação e da saúde mental.

## Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail (1929). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BAREMBLITT, M. A clínica como ela é. In: *Saúde e loucura*. Vol. 5. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas*. Vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia*. Lisboa: Ed. Assírio e Alvim. 1972.
- FLUSSER, V. (1983). *Ensaio sobre a fotografia. Para uma filosofia da técnica*. Lisboa: Relógio D'Água, 1998.
- FREUD, S. (1923). Psicologia da las masas. *Obras Completas*, vol. 1, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1967.
- GUATTARI, Félix (1989). *As Três Ecologias*. Campinas: Papyrus Editora, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Caosmose : Um Novo Paradigma Estético*, Rio de Janeiro: Editora 34. 1992.
- GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*, Petrópolis: ed. Vozes. 1986.
- MACHADO, Arlindo (1988). *A Arte do Vídeo*, 3. ed., São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995, 1ª reimpressão, 1997.
- PASOLINI, P. P. *As últimas palavras do herege. Entrevistas com Jean Dufлот*. Brasiliense: São Paulo. 1983.